

☐ Crise

Oléon Brasil

26 OUT 1989

É preciso ser mais flexível, diz Pastore

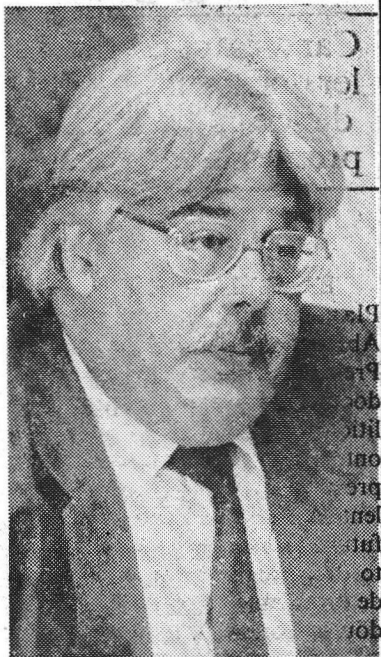
Economista adverte empresários de que única saída é abrir mão de privilégios

O economista e ex-presidente do Banco Central Affonso Celso Pastore está convencido de que qualquer esforço do futuro governo para equilibrar seu orçamento resultará numa sólida oposição do meio empresarial. "Se decidir aumentar a carga tributária, certamente a Fiesp estará contra. Se resolver eliminar as isenções de tarifas alfandegárias sobre as importações, será a vez de a Abinee protestar." Pastore disse que a sociedade deve abandonar a esperança de que a solução para a crise na economia venha de uma "fórmula mágica". A saída, na sua opinião, é mais simples, mas implica sacrifícios para a sociedade.

A resistência de alguns setores em abrir mão de privilégios, afirmou, poderá produzir efeitos adversos: "Daí vem alguém e torna isso aqui um socialismo. Quero ver o que vocês farão do capital", advertiu diante de uma audiência composta por cerca de cem empresários, durante o almoço mensal promovido pela Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee). Pastore recebeu troco, durante a sessão de debate, pela palestra agressiva. "Se as suas idéias são tão boas, por que não as aplicou no período em que participou do governo?", perguntou por escrito um empresário anônimo. A resposta foi desconcertante: "Foi por pura incompetência".

IMPORTAÇÕES

O ex-presidente do Banco Central acha que não deve ser culpado pelos erros que cometeu. "Na ocasião eu pensava diferente. É bom descobrir que é possível mudar." Pastore acha, por exemplo, que o País não precisa passar por recessão tão profunda



Pastore: sem fórmula mágica

quanto a adotada entre 1981 e 1983. Os tempos agora são diferentes, disse. No início da década a recessão era internacional. Para ele, a retração interna pode agora ser compensada pelo incremento das importações, desde que devidamente tributadas. Ele defende uma expressiva correção da taxa cambial para compensar os aumentos dos custos decorrentes do reajuste dos preços de tarifas públicas (aço, energia elétrica e derivados de petróleo). Acha, porém, que o governo deve optar pela instituição de um câmbio fixo, "para ancorar os preços domésticos e evitar que a recessão se aprofunde, como ocorreu em 1981".

Pastore disse que não está preocupado com a hipótese de o Partido dos Trabalhadores chegar ao poder. Lembrou que o futuro presidente terá de ser obediente à Constituição e que, qualquer que seja o candidato eleito, precisará saber negociar com o Congresso, que hoje detém maior força que o Executivo. Ele não definiu ainda o seu voto, mas disse que certamente será para quem tiver mais condições de derrotar Luís Inácio Lula da Silva.